

22 ABR 1994

Glorioso pesadelo

PEDRO GOMES

Argumento muito em voga contra a reabertura dos cassinos, no Brasil, é o de que a legalização da roleta serviria bem menos ao turismo, à criação de empregos e outros fins defensáveis do que ao favorecimento de grupos mafiosos. Teríamos, afinal, apenas novo e poderoso braço do crime organizado, sobretudo nesta hora de explosão do narcotráfico no país. E eis que aí está o jogo do bicho escandalizando as suas ligações e ramificações perigosas, atendendo à vocação masoquista de quantos querem ver o circo pegar fogo, enquanto não passa de uma atividade proibida na letra da lei. Entre os maiores adversários de sua oficialização — e não têm faltado projetos nesse sentido — destacam-se os que se beneficiam na sombra da contravenção em geral consentida — e de vez em quando acossada aqui e ali.

Mas o Brasil é assim mesmo, fadado a cumprir as contradições de sua crise de desenvolvimento. Não temos agora o carro-forte dos pagamentos simbolizando o que existe de mais frágil no nosso turbulento cotidiano? Profissionais treinados para enfrentar assaltantes de alta periculosidade, alojados dentro de uma viatura especialmente preparada para defender os valores transportados e a eles próprios, são obrigados a entrar em greve por falta de proteção. Mal sabendo que ao saírem do carro-forte para as ruas, em suas demonstrações de protesto, ficam sujeitos ao mesmo cerco da violência sob o qual se encontram todos os habitantes (e forasteiros) desta cidade. O cidadão sem qualquer tipo de blindagem ou de armamento pode tornar-se alvo potencial de balas dirigidas, ricocheteadas ou perdidas, ainda que esteja jantando num apartamento do nono andar da Avenida Atlântica, de frente apenas para o mar.

E a desconcertante greve do

Orçamento? Com a do lixo a gente já se acostumou, ao arrepio das nossas badaladas preocupações ecológicas e de salubridade. Mas era difícil conceber o Orçamento da República, espinha dorsal da administração financeira da União e do funcionamento do país, bloqueado pelas reivindicações funcionais ou salariais do seu pessoal técnico. A chamada "máfia do Orçamento" foi acusada de tirar lascas da Lei de Meios, nunca porém de seqüestrá-la na íntegra. Assim, tecnoburocratas competentes e honestos submetem o interesse público a novos vexames, com absoluta tranquilidade de consciência.

**“O Brasil ainda
continuará no
mesmo estilo
por algum
tempo, varando
o ano 2000”**

O Brasil ainda continuará no mesmo estilo por algum tempo, varando o ano 2000. Vimos agora o senador e candidato Fernando Henrique Cardoso forçado a deixar o Ministério da Fazenda e a condução pessoal do seu plano de estabilização econômica, em nome de um critério arcaico de desincompatibilização eleitoral. Saiu o bem-sucedido ministro Barelli. Saiu um punhado de governadores, várias administrações federais e estaduais ficaram entregues a dirigentes menores, só porque teimamos em rejeitar a máxima anglo-saxônica de que em princípio todos os cidadãos são honestos, até prova em contrário. (Na Bahia vai até ser pre-

ciso eleger, indiretamente, um governador-tampão.)

Os congressistas perderam a rara oportunidade de corrigir esse anacronismo já para as eleições de 94, uma bobeada de fazer chorar as lágrimas de esguicho de Nelson Rodrigues. As nossas regras de desincompatibilização eleitoral tipificam os resíduos brasileiros de subdesenvolvimento político e cultural. E os revisores ainda tristemente conservaram o voto obrigatório e vetaram a reeleição do presidente da República, aproveitando para trás o milagre do quorum.

Buscam-se desesperadamente coligações partidárias para as urnas de outubro. Enfim, um rasgo de racionalidade e coerência, embora sempre à mercê daqueles ranzinhas que se esmeram em questionar tudo, em atrapalhar tudo. É possível imaginar o Lula, por mais preparado e menos radical que se apresenta agora, governando a República na soledade do minoritário e programático PT? Que adiantarão milhões de votos populares se depois não houver base parlamentar para fazer isso e aquilo que foi prometido ao povo?

De resto, mesmo para o candidato que chegue ao Planalto ostentando maioria no Congresso (natural e consistente ou simplesmente costurada), ainda lhe sobrarão frentes de batalha fora do Legislativo como tão bem no ilustra a realidade destes dias. O mecanismo governamental e institucional, numa democracia ainda em acomodação, tem as suas engrenagens a cada passo sujeitas a choques de sincronização com o Judiciário, o Ministério Público (veja-se a independência do procurador-geral da República), as centrais sindicais, os meios de divulgação, as razões e pressões externas, os monopólios e os cartéis, os clamores da rua. Governar o Brasil, e as suas contradições, que belo e glorioso pesadelo.

Pedro Gomes é jornalista